

**Por múltiplos ângulos:
o estudo biográfico e a (re)construção do sujeito**

Marcelo de Sousa Neto¹

Resumo: Padre Marcos de Araújo Costa constituiu-se em um dos mais influentes membros das famílias do Centro-Sul piauiense na primeira metade do século XIX, no qual mais que uma influência pontual ou localizada, representou figura de grande prestígio nas redes de poder social e político em que se inseriu, revelando muito da sociedade em que viveu. Entretanto, a historiografia piauiense criou uma memória sobre o Padre de “benemérito educador” que não esgota sua complexidade social e política. Esta memória (re)criada, que fabrica a história sobre o Padre, representa uma produção marcada pelo *lugar social* de seus produtores, no qual criou-se, por meio de biografias e crônicas, uma memória escrita que concentra suas discussões apenas em um Padre educador. Neste sentido, localiza-se em escritos, de 1839, do botânico inglês George Gardner (1975) um ponto de inflexão dos mais significativos, uma vez que este, primeiro de seus biógrafos, minimiza sua atuação como artífice político e como religioso, ressaltando apenas sua importância como educador. Refletir acerca de Padre Marcos e sua atuação política e de como a historiografia piauiense construiu sua imagem de “benemérito educador” representam os objetos de análises do presente estudo.

Palavras-chaves: 1- Piauí; 2- Império; 3- Política; 4- Historiografia; 5- Biografia

Abstract: Priest Marcos de Araújo Costa was constituted in one of the most influential members of the families of the Center-south of the Piauí in the first half of the century XIX, in which more than an influence punctual or located, represented person of great prestige in the nets of social and political power in that he interfered, revealing a lot of the society in that he lived. However, the historiography of the Piauí created a memory on "educating benefactor's" Priest that doesn't drain his social and political complexity. This memory created, that manufactures the history on the Priest, represents a production marked by the social place of their producers, in which grew up, through biographies and chronicles, a written memory that it concentrates their discussions just in an educating Priest. In this sense, is located in written, of 1839, of the English botanist George Gardner (1975) a point of inflection of the most significant, once this, first of their biographers, it minimizes his performance as political author and as religious person, just emphasizing his importance as educator. To contemplate concerning Priest Marcos and his political performance and of as the historiography of the Piauí it built his image of "educating benefactor" represent the objects of you analyze of the present study.

Word-key: 1 - Piauí; 2 - Empire; 3 - political; 4 - historiography; 5 - biography

Uma Ruptura: (re)criando histórias

Para refletir sobre a memória (re)criada, que fabrica a história sobre o “Padre educador”, utilizou-se escritos² a seu respeito que, em sua essência, são marcados pela apologia. Neste

¹ Doutor em História pela UFPE. Professor de História da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: marceloneto@yahoo.com.br

sentido, Certeau (2004) muito auxilia no entendimento de como esta produção construiu uma memória que desloca esse sujeito da complexidade que circunda sua trajetória.

Acredita-se que esta produção historiográfica, assim como defende Certeau (1995), encontra-se articulada com o presente de quem escreveu e com as relações de poder que permearam os escritos, o *lugar social* de seus produtores. Encontra-se, portanto, submetidas a opressões, ligadas a privilégios, enraizadas em particularidades, sendo “em função desse lugar que se instauram os métodos, que se precisa uma topografia de interesses, que se organizam os *dossiers* e as indagações relativas aos documentos” (p. 18). Procurou-se, assim, neste espaço esboçar a “topografia de interesses” que marcaram a produção historiográfica a respeito de Padre Marcos.

Dessa forma, mais uma vez apropriando-se de categorias preciosas a Certeau (2004), entende-se que a produção escrita sobre o Padre não se ajusta o máximo possível a uma ‘realidade’, uma operação técnica, dando credibilidade ao texto pelo ‘real’ que exhibe, mas ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção, que, mais que descrever, realiza um golpe, um movimento que (re)cria o sujeito como “benemérito educador”, renascido entre o lembrado e o esquecido. Assim, esta produção sobre Padre Marcos foi capaz de construir uma memória, que se transmitiu a outros escritos, transformando espaços, atribuindo valores e significados diferentes à trajetória por ele percorrida.

Não se trata aqui de negar a existência do “Padre educador”, mas de perceber como esta face eclipsou o “Padre político” e o “Padre religioso”, uma vez que a historiografia não somente guarda uma forte memória do educador, como a ressalta frente às demais, embora seja significativa a documentação que apresenta uma ativa participação de Padre Marcos como político e como religioso. Assim, os relatos a seu respeito representam um conteúdo, mas representam também um desvio do passado, no qual o discurso produzido caracteriza-se menos pela maneira de se exercer e mais pela coisa que mostra, produzindo efeitos a seu respeito e não objetos (CERTEAU, 2004).

As imagens guardadas pela historiografia piauiense, sobre Padre Marcos, foram produzidas pelos relatos de seus biógrafos e cronistas. São estas imagens vivas, imagens que se alteram, pois, como alerta Halbwachs, “nunca a imagem de um falecido se imobiliza. À medida em que recua no passado, muda, porque algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, se é, segundo condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela”(1990, p. 74). Com este entendimento os biógrafos e cronistas de Padre Marcos

² Estes escritos constituem-se de biografias e crônicas caracterizadas pela apologia ao Padre, que, em maioria, são narrativas construídas por pesquisadores sem formação acadêmica em história.

assumiram a função, mesmo que de forma involuntária, de fornecer os trilhamentos³ da memória que encaminharam a história em direção ao Padre educador.

Essa construção da memória em relação ao Padre como educador não atende a uma fórmula ou forma de antemão traçada, uma vez que na prática a “memória não possui uma organização já pronta na qual ela apenas se encaixaria, mas se mobiliza conforme a ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito, no outro” (CERTEAU, 2004, p. 162), pois o seu conteúdo, mesmo móvel, é seu, porém a forma é estabelecida por uma circunstância estranha, que é mobilizada por uma alteração, uma *ruptura instauradora*. Assim, a memória que se construiu sobre o “Padre educador”, aguardou apenas a mediação do momento oportuno para produzir esta *ruptura instauradora*, e neste gesto equilibrista, o relato não se contenta em dizer um movimento, pois não se adequa ao real, mas exprime uma prática fabricando o real que se acredita ter existido.

No que se refere a Padre Marcos, pode-se encontrar uma *ruptura instauradora* nos escritos do botânico inglês George Gardner (1975), primeiro a escrever sobre o Padre e único entre seus biógrafos a conviver com ele.

Mais do mesmo e do diferente

Gardner, em 1839, visita a Fazenda de Boa Esperança, onde também funcionava a escola de mesmo nome, de propriedade de Padre Marcos. Neste mesmo período Boa Esperança firma-se, para toda a Província, como a principal referência de Instrução de Primeiras Letras e de Instrução Secundária. Deste modo, frente às dificuldades por que passava a Instrução Pública em fins da década de 1830, o trabalho desenvolvido pelo Padre ganha a visibilidade e o reconhecimento de toda a Província. Assim, Boa Esperança, distante das influências e movimentações balaias e provida por um dos mais respeitados intelectuais piauienses do século XIX, consolida-se como a maior e mais importante escola de Primeiras Letras e de Instrução Secundária da Província.

Mas faz-se importante destacar, que nos escritos de Gardner (1975), somente a importância de Padre Marcos como educador recebeu destaque, minimizando-se a atuação do clérigo como artífice político e como religioso. Entretanto, isto não se deu sem motivo, uma vez Gardner valorizar o “Padre educador” por ter conhecido apenas com este.

³ A respeito dos trilhamentos da memória e suas direções facilitadoras, ver: GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Das afasias à interpretação dos sonhos. In: **Introdução à meta psicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1991.

Sua passagem por Boa Esperança foi demasiadamente curta e em um momento em que Padre Marcos, contando na época com 59 anos, prendia boa parte de sua atenção à sua Escola mesmo sem, contudo, encontrar-se alheio à vida política e social da Província. Seu envolvimento com a vida política pode ser observado ao se verificar que no ano de sua morte, 1850, tendo 70 anos, ainda presidia a Câmara da Vila de Jaicós, o que demonstra sua forte participação na vida pública piauiense⁴.

Montenegro alerta que “a construção de uma memória segue muitas trilhas, algumas vezes obedecendo as margens que o tempo lhe ofereceu, outras vezes rompendo os limites e ocupando vastos territórios”(2004, p. 309). No caso de Padre Marcos, a construção de sua memória ganhou importantes trilhas nos oito dias de convívio com George Gardner, que, por meio de seus escritos, “talhou” profundas marcas da imagem que a historiografia piauiense guardou a seu respeito. Como estrangeiro “civilizador”, Gardner teria “legítimas prerogativas” para estabelecer quem era Padre Marcos – intelectual, filantropo, amável, educador – e assim o fez, como também o fez com Manoel de Sousa Martins, o Barão da Parnaíba – déspota, rude, desagradável, deficiente de sentimentos morais – o primeiro sendo construído como quase o antônimo do segundo.

Após os escritos de Gardner, em obras posteriores sobre Padre Marcos, observa-se uma continuidade dos argumentos – inclusive reportando-se a trechos literais de seu texto – nos quais se destacam a imagem do “Padre educador”, tão preciosa na análise do brasilianista.

Cria-se, assim, uma memória que permeará os diversos escritos sobre Padre Marcos. Estes estudiosos, entre os quais estão intelectuais, professores, clérigos, políticos, funcionários públicos, que de seus locais de fala – os espaços dos institutos e academias – fixaram uma imagem de Padre Marcos centrada, sobretudo, em seu trabalho como educador, a exemplo do que fez Gardner. Toda via essas falas não dão conta da complexidade das relações em que se inseriu Padre Marcos, uma vez ter este ultrapassado esses limites.

Tome-se, por exemplo, o texto de Castelo Branco (1879), que, em ordem cronológica apresenta o primeiro estudo a respeito de Padre Marcos seguindo a trilha deixada por Gardner. Neste texto, o autor também ressalta suas virtudes como educador, deixando a um segundo plano sua atuação como político ou como religioso. Retoma os argumentos da folantropia do Padre e sua preocupação com a instrução dos jovens, destacando que ele “recebia e

⁴ Cf.: BASTOS (1994), Padre Marcos foi um dos grandes responsáveis pela criação da Vila de Jaicós (criada por decreto de 06 de Julho de 1832, instalada em 21 de fevereiro de 1834) e documentos do Arquivo Público do Estado do Piauí indicam que este foi Presidente da Câmara Municipal da Vila desde a sua instalação, em 1834, ao ano de sua morte, em 1850. Foi também Vigário da Matriz de N. S. das Mercês, de 1837 a 1850, igreja que concorreu com recursos para a sua construção.

disveladamente instruía um grande número de mancebos, filhos do Piauí e doutras províncias, aos quais, ricos ou pobres, ele também fornecia alimento preciso, sem perceber nenhuma remuneração pecuniária!”(p. 135). Diz ainda que “o seu crédito era tal, que os atestados ou certificados de habilitação que ele assinava para os seus alunos, eram documentos irrecusáveis nas academias do Império”(p. 136).

Esta mesma trilha é seguida por outros escritos, que em um jogo de luzes e sombras, iluminam o Padre educador e deixam na penumbra outras faces também pertencentes a este, como a do fazendeiro, escravocrata e chefe familiar.

Em geral, os escritos sobre Padre Marcos apresentam-se em capítulos ou em passagens em obras que o enfocam perifericamente, não como tema central. Apenas Lopes Sobrinho (1955) e Castelo Branco (1998) escreveram obras inteiramente dedicadas à sua trajetória. No entanto, mesmo tocando em outras dimensões dos espaços percorridos pelo Padre, mais uma vez concentram seus esforços em sua atuação como educador.

No texto de Lopes Sobrinho (1955), mesmo com o auspicioso subtítulo de “um missionário do bem”, termina por apresentar que o seu maior trabalho missionário refere-se a “um verdadeiro apostolado cívico ao magistério; fundando um colégio” em uma busca pela “eucaristia do pensamento” (p. 10).

Já no texto de Castelo Branco (1998), encontra-se um esforço maior na busca dos múltiplos espaços ocupados pelo Padre, o que é sinalizado no subtítulo da obra – o educador, o ministro de Deus, o político, o cidadão civil. No entanto, mais uma vez sobraçai-se a figura do educador “que adotou a Casa Grande da Fazenda de Boa Esperança para um colégio de internato e dedicou-se inteiramente à instrução e educação da juventude” (p. 30).

Um ponto a ser observado entre os diversos estudos sobre Padre Marcos, é que estes levam a crer que somente este “emprestava” seu prestígio a Escola. No entanto, esquecem de destacar que a relação entre o Padre e a escola de Boa Esperança constituiu-se em um movimento de troca. Se em um primeiro momento, o poder e prestígio do Padre foram necessários ou úteis para a aceitação e consolidação da Escola, restrita, sobretudo aos membros da rede familiar na qual se inseria, com o tempo esta passou a ser também matriz de poder e prestígio do Padre, quando representantes das mais diversas redes familiares passaram a buscar Boa Esperança para oferecerem aos seus filhos ensino formal, tão importante ao ingresso no corpo administrativo da Província.

Ainda no que diz respeito aos escritos de Gardner sobre Padre Marcos, estes funcionaram como um *lugar de memória*⁵, inventariando e organizando parte do que deveria ser lembrado sobre o Padre, sendo reiteradas vezes repetido em biografias e crônicas, fixando a imagem que se guardou a seu respeito na historiografia piauiense.

Percussor entre os interpretes de Padre Marcos, Gardner serve de referência a estes, não economizando elogios ao caráter e às ações do Padre, sobretudo no referente à estima pelo ensino e suas ações como educador.

Mas, além disso, os escritos de Gardner assumem uma função quase que dogmática no que se refere à história de Padre Marcos e sua Boa Esperança. Tomemos por ilustração um parágrafo do texto de Gardner:

O padre Marcos de Araújo Costa é bem conhecido em todo o norte do Brasil, não só por sua inteligência e saber, como por seu excelente caráter moral e benévola disposição, qualidades que vi amplamente confirmadas durante os oito dias em que passei em sua casa. Se todos os sacerdotes do país tivessem metade de sua cultura bem como de sua atividade e zelo pela difusão do ensino, a condição do Brasil se tornaria bem diferente do que é e do que receio continue a ser por longo tempo, dada a presente situação. É surpreendente a atividade deste ancião de mais de sessenta anos e não o é menos a sua filantropia (1975, p.117).

Este mesmo parágrafo, de forma literal, adaptada ou ainda acrescida, encontra-se, quase que de forma obrigatória reproduzido, nos escritos de Brito (1922, p. 50-1), Brito (1996, p. 23), Castelo Branco (1998, p.33), Chaves (1994, p. 34-5), Ferro (1996, p. 63-4 e 1999, p. 392), Gonçalves (2003, p. 136), Lopes Sobrinho (1955, p. 10-1; 1972, p. 35 e 1980, p. 123), Nunes (1975, p.49) e Tito Filho (1973, p. 83-4).

Assim, por meio de seu texto, Gardner inaugurou uma memória escrita sobre Padre Marcos que fixou na historiografia piauiense a imagem que se guardou a seu respeito como “benemérito educador”. Imagem esta reproduzida nos escritos posteriores, mesmo, como já frisado, sendo significativa a documentação primária que dá vazão de um sujeito muito mais complexo e que percorreu os mais diversos espaços da vida política e social piauiense.

Verificar sobre Padre Marcos uma trajetória bem mais complexa que a de apenas educador, não representa tarefa difícil. Basta, para tanto, acompanhar alguns registros em documentação conservada na APEP⁶.

⁵ Sobre *lugares de memória*, ver: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo, 1981.

⁶ Ver.: Atas do Conselho Geral da Província (1825-1829), Atas do Conselho de Governo da Província (1829-1833), Livro de Correspondências da Assembléia Legislativa Provincial com o Governo da Província (1835-1843); Correspondência Avulsa da Assembléia Legislativa Provincial: 1ª Legislatura (1835-1839); Capitania:

Entre estes documentos, o primeiro registro de função pública desempenhada por Padre Marcos, data de 20 de setembro de 1824, quando é instalado o Conselho de Governo da Província⁷, assumindo a vice-presidência do Conselho e vice-presidente da Província. Este Conselho governou até o dia 13 de fevereiro de 1829.

Ainda em 20 de setembro de 1824, tomou lugar entre os membros da Junta Defensiva da Província, em movimento de resistência aos revolucionários da Confederação do Equador, sendo encaminhado para conter os insurretos na vila de Valença, última barreira antes da Capital Oeiras, contra a influência do movimento em Campo Maior, vila controlada pelos revolucionários.

Em 1829, como vice-presidente da Província e por afastamento do titular, o Barão da Parnaíba, deveria assumir a função de Presidente, mas se afasta da função por motivos pessoais não esclarecidos, deixando o cargo a outro membro do Conselho, seu irmão, Inácio Francisco de Araújo Costa. Foi ainda membro do Conselho Geral da Província (1829/33).

Eleito 1º suplente de deputado do Piauí na Assembléia Geral Legislativa em 1830, ao ser convocado para assumir cadeira de titular no Rio de Janeiro não aceita o mandato, mais uma vez alegando motivos pessoais. Deputado da primeira legislatura da Assembléia Legislativa Provincial (1835/38) foi reeleito para o período seguinte (1839/42), mas não assume o segundo mandato.

Com a instalação da Vila de Jaicós em 1834, é eleito vereador e presidente da Câmara Municipal da vila, cargo que desempenhará até 1850, ano de sua morte.

Em atendimento a Lei do Império nº 40, de 03 de outubro de 1834, foi indicado pela Assembléia Provincial, em lista sêxtupla de cidadãos, para ocupar o cargo de vice-presidente da Província no biênio 1839/40 e 2º vice-presidente no biênio 1841/42⁸.

Foi ainda, conforme Melo (1993), vigário de Matriz de Jaicós (1837/50). Convidado pelo Bispo da prelazia do Maranhão (a quem o Piauí era subordinado), Dom Marcos Antonio de Sousa, para ser Vigário-Geral do Piauí, rejeita o convite. Neste último caso em particular, considera-se um gesto coerente com suas convicções políticas, por ter sido Padre Marcos um dos grandes arautos da causa de criação de um Bispado no Piauí, pedido negado pelo mesmo Dom Marcos (MELO, 1993). Além disso, em 1829, a pedido do próprio Padre, o Conselho

Termos de Posses (1814-1859); Caixas do Poder Legislativo da Vila de Jaicós (1834-1850); Caixas do Poder Executivo da Vila de Jaicós (1834-1850).

⁷ Os Conselhos Provinciais foram criados por Decreto Imperial, de 20 de outubro de 1823.

⁸ Cf.: DOLHNIKOFF (2003), por meio de resolução da Assembléia Geral de 1841, alterou-se a forma de escolha do vice-presidente das Províncias. De responsabilidade das Assembléias Provinciais, passam a ser de competência também do Imperador, juntamente com a escolha dos presidentes, o que para a autora representou duro golpe na autonomia das Províncias.

Provincial solicita por petição a prelazia do Maranhão que se desse ao Vigário Geral do Piauí os poderes que comumente são conferidos a estas autoridades eclesiásticas, como a faculdade de dispensar impedimentos matrimoniais⁹, pedido que não obteve resposta. Assim, seria no mínimo um gesto incoerente aceitar um cargo subordinado ao bispado maranhense e ainda com uma função que considerava meramente decorativa, a qual tanto reunira esforços para combater.

Ao se observar as linhas gerais dos espaços públicos ocupados por Padre Marcos, verifica-se uma trajetória política das mais significativas na Província, ocupando diversos cargos de relevo, o que causa estranheza a reiterada afirmação de que Padre Marcos “fugia” de cargos de mando, como salientou Castelo Branco (1998) e Chaves (1994), este último ao afirmar que “cargo de mando nunca os exerceu. Fugia deles não por irresponsabilidade, mas porque achava que sua missão era outra e os cargos deviam ficar para os civis e os militares mais preparados do que ele para exercê-los” (p. 34). Talvez esta análise se deva, mais uma vez, a propensão de seguir aos fios deixados por Gardner, que não dedica uma linha se quer a sua atuação política.

Mas também se faz importante destacar que se Padre Marcos rejeitou algumas funções públicas e religiosas importantes, por outro lado, não se afastou em instante algum de Boa Esperança e de alguma função pública, sobretudo a presidência da Câmara da vila de Jaicós, importante centro comercial e rota de passagem para o Rio de Janeiro e para províncias ao sul do Piauí. Como salienta Gardner, a fazenda de Boa Esperança representava “o primeiro pouso na estrada para Oeiras, capital provincial” (GARDNER, 1975, p.117).

Logo, se o Padre rejeitou cargos importantes, a serem exercidos em Oeiras ou Rio de Janeiro, não se afastou de Jaicós, mantendo controle sobre a vila por onde passavam boa parte dos negócios com a Bahia, Pernambuco e outros mercados, inclusive negócios seus, por ser esta vila corredor de passagem para estas praças comerciais.

No que diz respeito à importância da presidência da Câmara de Jaicós, é importante lembrar que desde o período colonial as Câmaras Municipais representaram um espaço de exercício de poder das redes familiares e potentados locais. Apesar de seu enfraquecimento desde meados do século XVIII, propiciado por Portugal como uma forma de limitar a força destes grupos locais (GRAHAM, 1997), não podemos esquecer de que estas conservaram ainda boa parcela de seu prestígio durante o Império.

⁹ APEP-Piauí. Ata do Conselho Geral da Província do Piauí, de 12 de Junho de 1829. 1829-1831.

Mas, durante a Regência, tanto Liberais quanto Conservadores concordavam com a necessidade de se limitar ainda mais a autonomia das Câmaras Municipais. Com o Ato Adicional, convocaram-se eleições para Assembléias Provinciais que retiravam poderes e subordinavam as Câmaras. Esta medida cria uma relação de dependência entre a localidade e o governo provincial, atrelando as Câmaras Municipais às Assembléias Provinciais (DOLHNIKOFF, 2003). No entanto, esta também representa uma relação de troca, uma vez as Assembléias constituírem-se em um novo espaço de exercício de poder dos grupos familiares e líderes locais que outrora ocupavam apenas as Câmaras e que os deputados eleitos mantinham forte vínculo de dependência com poderes locais que ainda perpassavam pelas Câmaras.

Assim, as Câmaras Municipais guardavam uma relação muito próxima com o funcionamento das Províncias. Deste modo, será do local privilegiado da presidência da Câmara de Jaicós – e mesmo de dentro da própria Assembléia Provincial – que Padre Marcos acompanhará de muito perto a vida política do Piauí, dispondo de grande prestígio, sobretudo no Centro-Sul da Província.

Além disso, também deve ser ressaltado que Padre Marcos contava com importantes aliados em Oeiras – entre estes seu primo, Manoel de Sousa Martins; seu irmão, Inácio Francisco de Araújo Costa; e, mais tarde, seu filho adotivo Marcos Antonio de Macedo – bem como o respeito e admiração de muitos outros que governaram a Província, o que lhe possibilitava alguma autonomia e tranquilidade em relação ao governo provincial e, em contrapartida, recebiam o apoio do Padre em sua região de domínio. Domínio este também pautado em seu poder econômico, como um grande possuidor de bens, terras e escravos, das quais Boa Esperança, apesar de ser uma das maiores fazendas de gado do “Norte” do país, representava apenas uma de suas propriedades, na qual “pastavam mais de cinco mil cabeças de gado e centenas de carneiros” (GARDNER, 1975, p. 116).

Mas, após sua morte, a ênfase na memória de Padre Marcos como educador recebeu ainda significativas marcas, das quais, uma em especial, serviu de epíteto para alguns de seus biógrafos e cronistas. Em mensagem à Assembléia Legislativa Provincial, pela passagem de sua morte, o então Presidente da Província do Piauí, José Antônio Saraiva, afirmou:

É hoje nenhum o ensino particular. A morte do Reverendíssimo P. Marcos de Araújo Costa, fechou as portas da única casa de educação, que possuía esta Província.

Era ela sustentada a custa do virtuoso sacerdote, do benemérito cidadão, cujo nome acima pronunciei, e cujo o passamento encheo de dor todos os corações Piauienses¹⁰.

Além de destacar a contribuição de Padre Marcos para a educação do Piauí, o texto associa a sua morte à falência da instrução na Província, o que, mesmo considerando seu uso semântico, representa um engano, uma vez que a Instrução no Piauí enfrentava desafios e dificuldades, mesmo durante a existência da escola de Boa Esperança, e continuou a enfrentá-los depois de seu fechamento.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, buscou-se (re)apresentar Padre Marcos como um sujeito muito mais complexo e que, com diversas faces, ocupou diferentes espaços da vida social do Piauí da primeira metade do século XIX, mas minimizado pela historiografia que o construiu como apenas um “benemérito educador”, que apenas “esbarrou” na vida política da Província.

Em movimento contrário, observa-se que o Padre “benemérito educador” somente foi possível graças ao Padre político, ao Padre das redes familiares e das fazendas de gado, ao Padre da Igreja e de tantos outros espaços que ocupou, assumindo sua Escola papel central na construção destas deferentes faces.

Não se quer dizer, assim, que Boa Esperança não teve significado ou importância para a instrução formal no Piauí. Muito pelo contrário, o trabalho de Padre Marcos foi um dos grandes responsáveis por criar no Piauí uma tradição escolar, um cotidiano de ensino, que ajudou a pressionar para a criação de novas Cadeiras de Instrução Pública na Província.

Esta tradição escolar, mesmo com trôpegos passos, resistiu ao fim da escola de Boa Esperança, no entanto, a morte do Padre dava fim a peregrinação do homem e iniciava a criação do mito.

¹⁰ APEP-PIAUI. **Relatório do Presidente da Província**, Dr. José Antonio Saraiva, a Assembléia legislativa provincial, em 3 de julho. Oeiras: Typ. Saquarema, 1851, p. 17-18.

Bibliografia Referida:

- BASTOS, Cláudio Albuquerque. **Dicionário histórico geográfico do Estado do Piauí.** – Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves – PMT, 1994.
- BRANDÃO, Wilson de Andrade. **História do poder legislativo na província do Piauí.** Teresina: Grafiset, 1997.
- BRITO, Anísio. **A instrução pública no Piauí.** Teresina: Sociedade auxiliadora da instrução-papelaria piauiense, 1922.
- BRITO, Itamar Sousa. **História da Educação no Piauí.** Teresina: EDUFPI, 1996.
- CASTELO BRANCO, Homero. **O padre Marcos: o educador, o ministro de Deus, o político, o cidadão civil.** Padre Marcos; Gráfica e Editora do Povo, 1998.
- CASTELO BRANCO, Miguel de Sousa Borges Leal. **Apontamentos biográficos.** Teresina: s/ed., 1879.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes fazer.** Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, vol. I, 2004.
- CERTEAU, Michel de. A operação histórica. IN: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. **Apontamentos biográficos e outros.** Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1994.
- COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Cronologia histórica do Estado do Piauí.** – 2ªed. – Rio de Janeiro: Artenova, Vol.II, 1974.
- DOLHNKOFF, Miriam. Elites regionais e a construção do Estado Nacional. In: JANCSÓ, Istvan (org.). **Brasil: formação do Estado e da Nação.** – São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003.
- FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí republicano.** Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1996.
- FERRO, Maria do Amparo Borges. Marcos de Araújo Costa. In: FAVERO, M. de L de A. e BRITO, J. de M. (orgs.). **Dicionário de educadores no Brasil.** – Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP, 1999.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Das afasias à interpretação dos sonhos. In: **Introdução à meta psicologia freudiana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1991.
- GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil,** principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante nos anos de 1836-1841. Tradução de Milton Amado, apresentação de Mario Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado.** Teresina: Halley, 2003.
- GRAHAN, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice.Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- MELO, Cláudio. **Piauí: diocese e província eclesiástica.** Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1993.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. Arquiteto da memória: nas trilhas dos sertões de Crateús. IN: GOMES, Agela de Castro. **Escrita de si, escrita da história.** – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- NEVES, Abdias. **O Piauí na Confederação do Equador.** Teresina: EDUFPI/APL, 1997.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História.** São Paulo, 1981.
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí.** 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 4 v., 1975.
- SOARES FILHO, Antonio Reinaldo. Padre Marcos de Araújo Costa. Teresina: **Cadernos de Teresina.** Ano VIII, n. 16, Abril, 1994.
- SOBRINHO, Fernando Lopes. **Enquanto as trevas não chegam...** . Teresina: COMEPI, 1980.
- SOBRINHO, Fernando Lopes. Padre Marcos de Araújo Costa. Teresina: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Piauiense.** (3) Ano 54 – Novembro, 1972.
- SOBRINHO, Fernando Lopes. **Pe. Marcos de Araújo Costa: um missionário do bem.** Teresina: Centro de Estudos Piauienses, 1955.
- TITO FILHO, TITO FILHO, José de A. **Esmaragdo de Freitas, homens e episódios.** Teresina: COMEPI, 1973.